



**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO” CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**Linha de pesquisa**

**Geografia urbana e rural (meio ambiente rural)**

**RAFAEL DIAS BARBOSA**

**LUTA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO  
ASSENTAMENTO NOVA VIDA I, NO MUNICÍPIO DE SOUSA/PB**

**GUARABIRA-PB  
2014**

**RAFAEL DIAS BARBOSA**

**LUTA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO  
ASSENTAMENTO NOVA VIDA I, NO MUNICÍPIO DE SOUSA/PB**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba Campus III-Guarabira (PB), para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

**GUARABIRA-PB  
2014**

FICHA CATOLOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B228l Barbosa, Rafael Dias

Luta e permanência no campo [manuscrito] : um estudo de caso  
no assentamento Nova Vida I, no município de Sousa/PB / Rafael  
Dias Barbosa. - 2014.

32 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Belarmino Mariano Neto, Departamento de  
Geografia".

1. Luta pela terra. 2. Reforma Agrária. 3. Assentamento. I.  
Título.

21. ed. CDD 333.31

RAFAEL DIAS BARBOSA

LUTA E PERMANÊNCIA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NO  
ASSENTAMENTO NOVA VIDA I, NO MUNICÍPIO DE SOUSA/PB

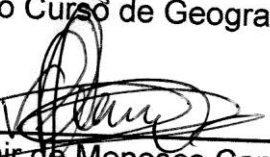
BANCA EXAMINADORA

Artigo aprovado em 07/03/2014



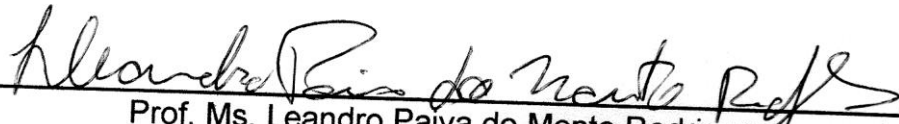
---

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - Orientador  
Dr. em Sociologia/Universidade Federal da Paraíba.  
Professor do Curso de Geografia UEPB/DG/CH



---

Prof. Ms. Valnir de Menezes Campos - Examinador  
Ms. em Desenvolvimento e Meio Ambiente/Universidade Federal da Paraíba  
Grupo Terra/UEPB/CH



---

Prof. Ms. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - examinador  
Ms. em Geografia/Universidade Federal da Paraíba  
Professor do Curso de Geografia UEPB/DG/CH

GUARABIRA-PB  
2014

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai pelo incentivo, apoio e ajuda  
para que eu pudesse concluir meu curso,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus primeiramente por ter me dado forças para que pudesse concluir meu trabalho.

Ao meu orientador por ter me ajudado bastante e seu empenho para conclusão do meu trabalho.

A minha família pelos momentos que precisei do apoio de todos.

Agradeço aos examinadores do meu trabalho pelas sugestões e apoio para melhora do meu trabalho.

A uma pessoa muito especial Edilane Nascimento agradeço pelo carinho, amor e apoio para que eu pudesse concluir meu trabalho.

Aos colegas de classe pelo apoio e coletividade no decorrer do curso. A todos os professores do departamento de geografia da UEPB, Campus III.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Geografia pelo apoio e contribuição para minha formação e amigos que fiz ao longo da jornada acadêmica

Enfim a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse concluído agradeço bastante.

(...) Foi assim que começamos a caminhar para fazer com que este sonho se sentasse à nossa mesa, iluminasse a nossa casa, crescesse em nossas plantações, enchesse o coração dos nossos filhos, limpasse nosso suor, sanasse nossa história e se tornasse realidade para todos. É isto que queremos. Nada mais, nada menos” (Comitê Clandestino Revolucionário Indígena de EZLN, 1º. de março de 1994).

## **043 - GEOGRAFIA**

BARBOSA, Rafael Dias, Luta e permanência no campo: Um estudo de caso no Assentamento Nova Vida I no município de Sousa/PB. Artigo (Curso de Geografia, UEPB, na Linha de Pesquisa: Geografia urbana e rural (meio ambiente rural) orientado pelo prof. Dr. Belarmino Mariano Neto, 2014 p31.

### **Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto - Orientador CH/UEPB;

Prof. Ms. Valnir Meneses Campos – Examinador - CH/UEPB/Grupo Terra

Prof. Ms. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - Examinador CH/UEPB

### **RESUMO**

A questão agrária brasileira vem se desenvolvendo, ao longo da história, a partir do molde capitalista de produção, o que se agrava na segunda metade do século XX. Podemos analisar a questão agrária a partir de diversos olhares e parâmetros, um deles, que vem tomar a frente dos debates é a respeito da questão de resistência dos trabalhadores na luta pela terra e simultaneamente a intensificação da concentração fundiária. A partir do momento em que os trabalhadores passam a se organizar em prol de uma reforma agrária justa e igualitária, abre-se um leque de possibilidades que podem resultar na formação de assentamentos rurais. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de consolidação e relações espaciais estabelecidas no assentamento Nova Vida I, localizado no município de Sousa – PB, garantindo uma reflexão sobre a vida e os problemas das pessoas que vivem no campo, estudando sua produção e construção da espacialidade. As lutas pela terra na área em estudo foram iniciadas com aproximadamente 200 famílias, acrescenta-se que a grande maioria das famílias entrevistadas trabalhava na agricultura, antes de conquistarem a posse de terra, eram assalariados, arrendatários ou trabalhavam como boias-frias. O interesse pela pesquisa surge a partir de uma experiência, um estudo de campo, onde aprofundamos as teorias e presenciamos a realidade do assentamento. A metodologia empregada tem como intuito compreender as relações construídas no assentamento através da pesquisa bibliográfica buscando o aprofundamento teórico importante para a compreensão e encaminhamento do objeto investigado, bem como para o desenvolvimento do trabalho a partir do empirismo; realização de um trabalho de campo observando as características e as especificidades dos assentamentos; O levantamento e análise de fontes documentais, imagens simbólicas e culturais; realizado a análise e interpretação dos dados coletados em campo e nas entrevistas. A partir do estudo de campo obtivemos uma análise preliminar do assentamento, observamos a precariedade de moradias, a inexistência de saneamento básico, a distribuição de água é feita através de um poço artesiano e do carro pipa que passa no assentamento de quinze em quinze dias para abastecer os recipientes de águas dos assentados. Podemos considerar que no assentamento estudado existem famílias que tiveram acesso as suas respectivas parcelas de terra, no entanto as deixaram ociosas.

**Palavras-Chave:** Luta pela terra, Reforma Agrária, Assentamento.



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Mapa temático das terras em posse de famílias de latifundiários de acordo com memória de Frei Anastácio em 1950.....	17
<b>FIGURA 2</b> - Áreas de conflitos por movimentos/organizações/instituições de luta pela terra na Paraíba.....	18
<b>FIGURA 3</b> - Assentamento NOVA VIDA I Sousa (PB).....	20
<b>FIGURA 4</b> – Abastecimento de água no assentamento NOVA VIDA I Sousa (PB).	23
<b>FIGURA 5</b> - Sala de aula no assentamento NOVA VIDA I Sousa (PB).	24

## **LISTA DE SIGLAS**

CPT – Comissão pastoral da Terra

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST Movimento dos Trabalhadores sem terra

ITR – Imposto Territorial Rural

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba

PB- Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ARGUMENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO</b>	<b>12</b>
2.1 Elementos metodológicos da pesquisa.....	13
2.2 Elementos teóricos do estudo.....	14
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO NOVA VIDA I.....</b>	<b>19</b>
3.1 Abastecimento de água no assentamento Nova Vida I.....	21
3.2 Educação no Assentamento Nova Vida.....	24
<b>4. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo foi de analisar o processo, consolidação e relação espacial estabelecidas no assentamento Nova Vida I, localizado no município de Sousa-PB, garantindo uma reflexão sobre a vida e os problemas das pessoas que vivem no campo, estudando sua produção e construção da espacialidade a partir de trabalho de campo, considerando a Geografia e sua práxis, melhores meios de observação e análise para questões agrárias locais e regionais.

Este artigo nasceu a partir de uma pesquisa coletiva, que envolveu a disciplina de Geografia agrária, ministrada pelo prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima. Primeiramente nos servimos de uma longa pesquisa bibliográfica, que nos serviu como referencial teórico. No segundo e mais importante momento trabalharmos na perspectiva da Geografia do Trabalho, em que a práxis foi fundamental. Nesse sentido, o prof. Lima, nos inseriu em um trabalho de campo para o Sertão Paraibano, onde foram organizadas equipes que passaram a observar e levantar dados sobre diferentes temáticas.

A equipe na qual ficamos se responsabilizou em levantar dados sobre os assentamentos e acampamentos visitados, consideração: estrutura, relações de trabalho, famílias, qualidade de vida, memória camponesa em relação a luta pela terra, conquista e legalização dos lotes. Assim, entendemos que a pesquisa é antes de qualquer coisa, uma experiência coletiva, a partir da qual, reunimos fragmentos relatorias sobre o Assentamento Nova Vida I, localizado no município de Sousa e com grande aproximação territorial da cidade de Aparecida/PB.

Segundo Nogueira (2009), a questão agrária brasileira está intimamente ligada ao processo histórico de colonização do país, iniciando com o processo de distribuição de grandes extensões de terra, as sesmarias. Segundo Prado Jr. (1993) as doações das terras se deram em grandes extensões, uma vez que sobravam terras e as ambições daqueles beneficiados não se contentariam com pequenas propriedades. Desde o período das capitânicas hereditárias, passando pelos diversos ciclos econômicos (açúcar, mineração, borracha, pecuária e café) até os dias atuais, a questão da posse da terra esteve presente no cenário político nacional.

A questão agrária brasileira vem se desenvolvendo, ao longo da história, a partir do molde capitalista de produção, o que se agrava na segunda metade do século XX, a partir da chamada modernização conservadora.

Segundo Sampaio (1993), a modernização da agricultura e o elevado crescimento da indústria vieram acompanhados da pobreza no campo e de um processo caótico de urbanização acelerada que generalizou o problema do subemprego para os grandes centros urbanos do país. O que até meados do século XX era uma realidade basicamente rural, ou seja, o trabalho em atividades de baixíssima produtividade passa a fazer parte da realidade também das cidades.

Analisa-se que a questão agrária a partir de diversos olhares e parâmetros, um deles, que vem tomar a frente dos debates é a respeito da questão de resistência dos trabalhadores na luta pela terra e simultaneamente a intensificação da concentração fundiária com base no histórico brasileiro de lutas pela divisão e conflitos por terras.

O campo brasileiro continua caracterizado pelos conflitos, cuja tipologia pode definir como diversa, porém essencial e radicalmente fruto da atual inexistência de uma política pública efetiva de Reforma Agrária. Esse fato constitui hoje o contraponto da Questão Agrária brasileira, verificou-se segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2011), que houve um aumento no número total de conflitos em 2011 totalizando 1363 conflitos dentre eles 1.035 conflitos por terra, 260 conflitos trabalhistas e 68 conflitos pela água.

O estudo da questão agrária brasileira e o histórico de lutas e movimentos instituídos pela população do campo, a caracterização de conflitos cuja preposição busca uma política pública de reforma agrária e luta pela terra no Brasil e a análise da concepção problemática dos conflitos pelos problemas da terra, a experiência universitária vivida na aula de campo de uma forma participativa na atividade trabalhada, manifestações de relações sociais investigativas numa abordagem da temática do trabalho no campo.

A relação de conflitos no campo brasileiro é fruto de um complexo processo de relações sociais, historicamente construídas, e ao mesmo tempo, sustentadas pela estrutura agrária organizada em forma de latifúndios, a qual se fundamenta na apropriação privada da mesma. A terra neste caso se torna mercadoria, porque a apropriação privada lhe dá esse carácter.

O entendimento de uma realidade em aula de campo que busca garantir de uma forma concreta reflexões sobre a vida e os problemas das pessoas que vivem no assentamento, estudando sua produção e construção da espacialidade brasileira em busca de um espaço digno em meio à sociedade globalizada.

Os movimentos sociais com base de luta pela reforma agrária através da ocupação de acampamentos e terras particulares, o fechamento de rodovias como forma de protesto e ocupação de instituições públicas e privadas como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), fazem parte de um histórico de lutas existentes no próprio assentamento.

Com o estudo sobre a questão agrária brasileira, podemos observar que a história da luta camponesa pela terra guarda muitos traumas, provocados pela violência contra os trabalhadores, tanto a partir do poder oligárquico regional, quanto das forças do estado brasileiro, que em muito, sempre deu ganho de causa para os grandes proprietários de terra. Os acampamentos e os assentamentos dos sem terra redefiniram a questão agrária em favor dos camponeses.

## **2 ARGUMENTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO**

Enquanto objetivos específicos para este artigo traça-se de uma breve caracterização e localização do Assentamento Nova Vida I; Descrevemos o abastecimento de água no Assentamento Nova Vida I; Levantamos dados levando em consideração a luta pela Reforma Agrária no Brasil e observamos as condições de moradia no local do assentamento e verificar como é a educação das crianças que vivem naquele local.

O fito deste trabalho é de suma importância não só em carácter regional, mas como um problema nacional de pessoas que lutam pela terra em busca de melhores condições de vida em meio à sociedade, despertando um interesse pela pesquisa através do assentamento explorado.

## 2.1 Elementos metodológicos da pesquisa

Para que haja um crescimento ou desenvolvimento natural de uma sociedade é preciso que ocorram fatores que estabeleçam uma estrutura organizada na busca pela terra e o crescimento populacional em todo país e em maior escala moradores do campo que estabelecem lutas para conseguir seus direitos e defender sua autonomia como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que visa três grandes objetivos: a terra, a reforma agrária, e uma sociedade mais justa e igualitária.

No presente trabalho buscou-se realizar um estudo sobre o assentamento que está fixo numa região do Sertão Paraibano, as necessidades que levam moradores tomar posse de terras muitas vezes privadas e ali acabam se desenvolvendo e obrigando o governo a entrar em acordo com os donos para que as famílias não sejam removidas do local e busquem sua evolução contribuindo para o crescimento da sociedade.

Trata-se de uma análise da vida desses moradores e seu processo de formação e conquista de territórios, tentando compreender suas formações passadas levantando certo histórico para um melhor entendimento dessa luta pela terra e quais são suas propostas de contribuição tanto em condições econômicas como sociais, pois a influência dos moradores do campo é e sempre será de suma importância, pois através de pequenas habitações é que se chega a grandes comunidades.

Procuramos entender se há alguma consequência adquirida no trabalho com a terra ou algum outro problema com o meio ambiente causado por esse crescimento no campo e tentar fazer uma relação na contribuição das economias dos municípios vizinhos que se dá através do assentamento estudado.

A metodologia se deu através de pesquisas textuais com base em movimentos de luta pela terra e ocupação da mesma, a qual foi elaborada no período de abril de 2011, o estudo foi elaborado através de dados buscados no próprio assentamento como entrevistas com os assentados residentes, no assentamento Nova Vida I e esse trabalho foi feito especificamente pelos alunos que exporaram suas questões aos mesmos.

## 2.2 Elementos teóricos para o estudo

Os argumentos teóricos da pesquisa ultrapassaram o campo da geografia agrária, pois economistas, historiadores e sociólogos entre outros, se debruçaram sobre esse tema e muitos pensamentos sociais e políticos sobre a questão agrária, são clássicos no mundo acadêmico e não podemos deixar de pensar que a práxis corrobora para que os estudos geográficos sobre a questão agrária ganhem muito sentido na atualidade.

Autores com Strazzacappa (2006) nos apresentam um importante balanço sobre a luta pela terra no Brasil, desde as sesmarias até o MST, no contexto da legalidade, das lutas e da repressão sofrida pelos camponeses ao longo dessa história de luta.

Bem mais atual, devemos considerar o pensamento de uma das mais importantes lideranças camponesas da história recente da luta pela reforma agrária e pela organização dos movimentos sociais no campo é o exemplo de Stedile (2006), pois entre os inúmeros trabalhos desse autor temos o pensamento voltado para a análise do modelo agrícola neoliberal do Brasil. Um dos focos do trabalho foi entender o quanto o capitalismo adentrou pelo território brasileiro, criando em meio às arcaicas relações oligárquicas rurais, regionais e nacionais, a penetração de novos conceitos, como os de agronegócio e complexo agroindustrial, com modernos pacotes tecnológicos, alienação da terra pelo capital e progressiva expulsão dos camponeses da terra.

Não poderíamos deixar de fora da nossa análise teórica, autor como Raffestin (1993) considerado um clássico da geografia humanista em que reflete sobre a geografia do poder. Esse autor nos deixa a par da importância que a geografia exerce em relação ao domínio territorial, político e jurídico dos espaços. Nesse contexto, temos na terra e no seu potencial produtivo, dois marcos de controle. A força dos trabalhadores, dentro de uma cultura de dominação e dependência e o próprio chão com os mecanismos capitalistas para que seja gerado um processo produtivo controlado pela classe dominante do sistema.

Se nos voltarmos para a escala regional e local do estudo, encontraremos autores como Andrade (1994) que ao tratar sobre reforma agrária, elenca problemas camponeses por toda a América Latina. Este autor foca boa parte do seu estudo ao



Nordeste Brasileiro, considerando análises acerca dos processos monocultores, bem como da dominação oligárquica e latifundiária.

Estudos clássicos que foram considerados na pesquisa estão aqui referenciados como: Martinez (1987), onde o autor faz um estudo sobre a reforma agrária, considerando duas vertentes: questão de terra ou de gente? Enquanto tema dos geógrafos, a luta pela terra, a resistência na terra também foram tratados por Martins (1991). Ele argumenta que a expropriação latifundiária se dá por diferentes formas de violência contra os camponeses.

Adentrando especificamente para o campo da geografia agrária, temos em Oliveira (1986; 1990; 2002) estudos que se tornaram clássicos da geografia das lutas no campo: conflitos e violência, movimentos sociais e resistência, a nova república e a reforma agrária. Estes estudos foram baseados em uma análise sobre o Modo de produção Capitalista e Agricultura. Seus estudos seguem na perspectiva de entendermos as transformações territoriais recentes no campo brasileiro.

Ainda tratando sobre autores de relevância nacional não poderia faltar no estudo Fernandes, (2004 e 2008). Este autor dedicou e ainda dedica relevante espaço em suas pesquisas sobre o MST e as reformas agrárias do Brasil. Fernandes apresenta um estudo voltado para a questão da educação do Campo. Este estudo aponta para a importância do conhecimento acadêmico para que o campesinato avance de maneira mais consciente e segura no sentido de realizar as suas conquistas territoriais e de cidadania plena.

Temos também pensadores como Bamat e Leno (1998) que organizaram um grupo de estudos e pesquisa sobre a qualidade de vida e reforma agrária na Paraíba. Com autores do campo da psicologia, geografia e sociologia e ao lado de autores como Moreira e Targino (1997) traçaram um panorama geral sobre a geografia agrária em território paraibano. Estes autores ao lado de Menezes (2001), também conseguiram ampliar os estudos para além da Paraíba, com um enfoque mais voltado para os Impactos regionais da reforma agrária na Zona Canavieira do Nordeste.

Outros autores de análise local, que seguem a mesma linha teórica de Moreira e Targino, em estudos mais recentes, aparecem Mariano Neto, et al (2010), para abordar a questão agrária enquanto território de esperança, trazendo esse conceito de Moreira e Targino (1997), para um estudo sobre a questão agrária no agreste paraibano apresenta-se argumentos sobre o espaço agrário paraibano. Vale

ressaltar que estes estudos de Moreira (1997), acompanhados por Mariano Neto (2010), ainda estão em forma de relatórios de pesquisas, ou artigos e os mesmos ainda consideram este campo em construção.

Mas vale salientar que a ideia sobre territórios de esperanças, se aplicam as experiências dos assentamentos de reforma agrárias que foram fruto de luta e resistência camponesas e que a partir da conquista da terra, foram gerados nos seios dos assentamentos, diferentes e novas experiências de associativismo, cooperativismo e de economia solidária. Amalgamas para um novo enlace dos agricultores com a terra.

Para Mitidiero Jr (2008), a questão agrária na década de 2000 apresenta um quadro em que, mais da metade das terras paraibanas estão passíveis de desapropriação sem contar, que os grandes proprietários que representam apenas 0,8% do total de estabelecimentos, dominam 32,55% das terras, enquanto 80,4% dos estabelecimentos ocupam apenas 12,2% das terras do Estado (MITIDIERO JR, 2008 p.278), estes são dados que confirmam os motivaram centenas de conflitos principalmente nas regiões de maior concentração e/ou exploração que resultaram no surgimento de assentamentos de reforma agrária.

De uma maneira mais aprofundada e com uma análise mais focada na organização dos movimentos sociais no campo. Não podemos deixar de fora Mitidiero (2008), pois este autor nos disponibiliza sua tese sobre a ação territorial de uma igreja radical: teologia da libertação, luta pela terra e ação da comissão pastoral da terra no estado a Paraíba. Deste autor conseguimos trazer para este estudo uma nova cartografia sobre o espaço agrário paraibano (Figura 01).

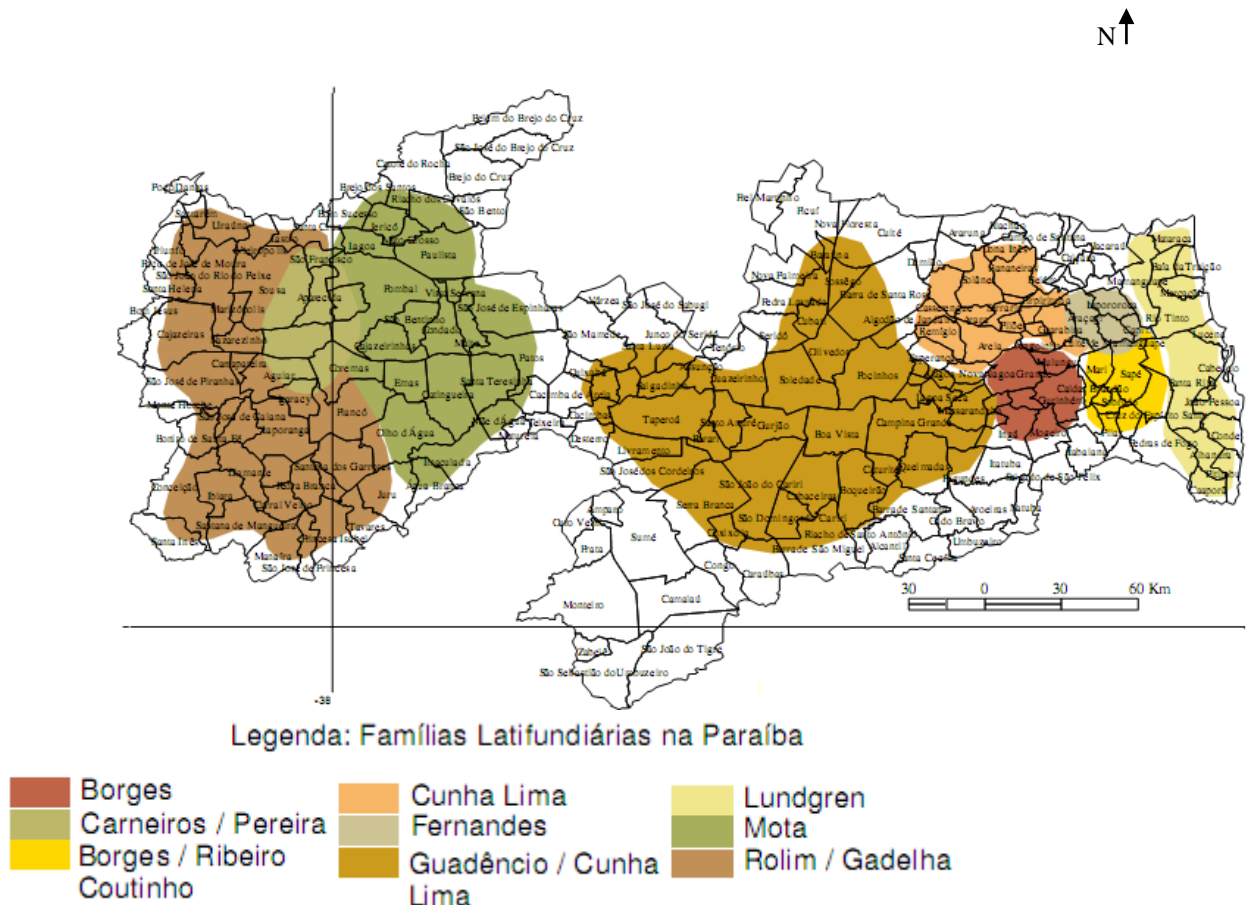


Figura 1 – Mapa temático das terras em posse de famílias de latifundiários de acordo com memória de Frei Anastácio em 1950. Fonte: Adaptado de Metidieiro Jr. (2008 p. 269), Por Mariano Neto (2010).

Essa imagem geográfica é um demonstrativo de que a terra na Paraíba tem poucos donos, oligarquias agrárias que controlam tanto a terra, quanto as pessoas que nela vive e dela precisa para sua sobrevivência. Esse cenário agrário e territorial, já foi atingido pelos movimentos sociais, como o MST e a CPT, mas ainda é um quadro predominante, minimamente alterado pelos projetos de assentamentos da reforma agrária.

Mariano Neto (2010), se utiliza dessa cartografia para identificar importantes trechos de reforma agrária com assentamentos espalhados pelas microrregiões geográficas. Nosso foco foi na direção do Sertão Paraibano, pois para complicar a luta pela terra, também existe a luta pela água para que os agricultores assentados consigam sobreviver, plantar e criar seus rebanhos dentro das mínimas condições agrárias e ambientais, pois a terra dividida é insignificante, se relacionarmos com o que predomina de latifúndios na maioria das vezes improdutivos (Figura 02).

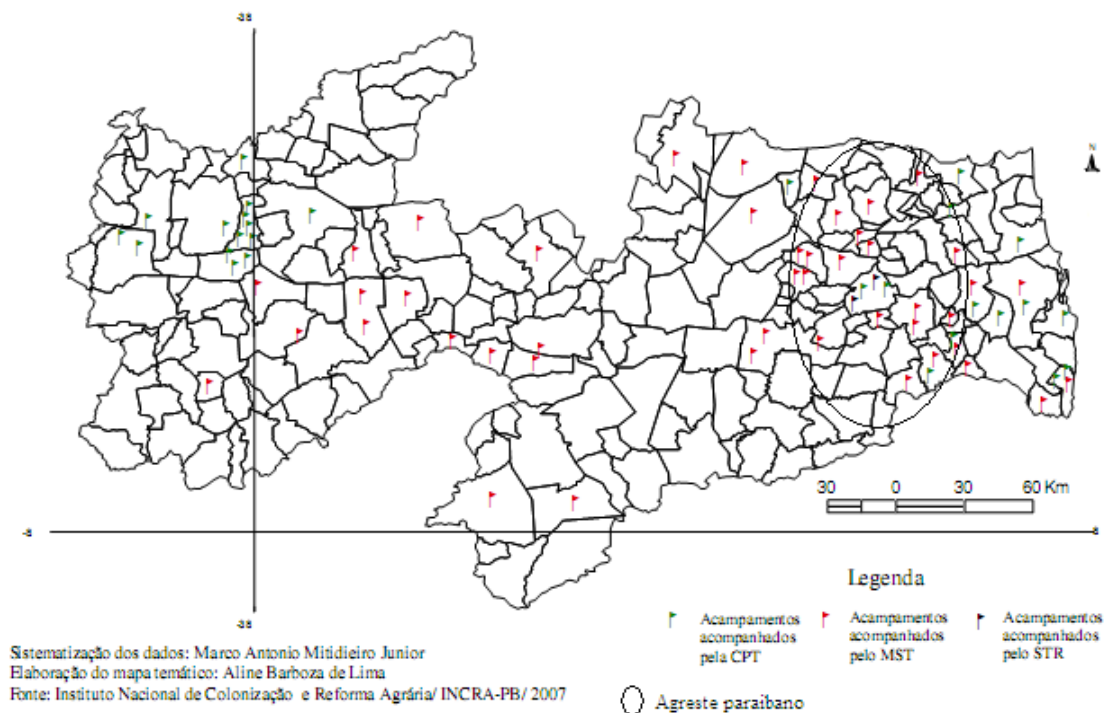


Figura 02 - Áreas de conflitos por movimentos/organizações/instituições de luta pela terra na Paraíba com destaque para o Agreste -2007. Fonte: Adaptado de Metidiero Jr. 2008 por Mariano Neto (2010).

O MST defende autonomia para as áreas indígenas e é contra a revisão da terra desses povos, ameaçadas pelos latifundiários. Visa à democratização da água nas áreas de irrigação no Nordeste, assegurando a manutenção dos agricultores na própria região. Entre outras propostas, o MST luta pela punição de assassinatos de trabalhadores rurais e defende a cobrança do pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR), com a destinação dos tributos à reforma agrária. Em 30 anos de existência mais de 250 mil famílias já conquistaram terra.

Segundo Augusto (2008), pensamos no assentamento não somente como a condições de terra, devemos pensar no assentamento como um espaço de organização do MST que deu uma solidez ao Movimento. Levamos sempre em conta várias dimensões das vidas das famílias. Vidas que vão além das questões econômicas, mas que não deixam de pensar a renda das famílias. Mas que pensam também na lógica de resistência, que é o caso da educação, cultura, lazer, saúde e esporte. Pensar em assentamento é pensar em cooperação, educação voltada para a realidade do campo como uma educação transformadora. O assentamento é muito mais do que pensar em produção e viabilidade, é pensar em realidade de vida.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO NOVA VIDA I**

Um imperativo, não tanto para a sobrevivência física dos indivíduos, mas, sobretudo para o 'equilíbrio' e a harmonia homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um 'lugar' ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identificaria (HAESBAERT, 2002, p.118).

Esse pensamento coaduna com o nosso estudo, considerando que, depois de feitos os estudos em gabinete, com a montagem do referencial teórico, tivemos a oportunidade de irmos a campo, conhecer um pouco da situação dos camponeses do Assentamento Nova Vida I, que fica localizado no município de Sousa-PB e neste local fica registrada a experiência vivida na aula de campo.

A realidade mostrada nesse assentamento, sua forma de vida e a urgência em melhores condições de moradia, o forte conflito entre relações sociais em seu modo de produção e trabalho com a terra.

As formas de violência de como são tratadas essas famílias, os conflitos de um modo geral com a sociedade por uma porção de terra (Figura 03).



**Figura 03** - Assentamento Nova Vida I Sousa (PB)  
**Fonte:** Rafael Dias Barbosa, 2011.

No assentamento Nova Vida I, a precariedade de moradias, saneamento básico e distribuição de água própria para o consumo humano, as dificuldades encontradas pelos moradores que vivem nesse local são muitas que vão desde a estrutura por ser considerado ainda acampamento até as condições de alimentação nesse ambiente. O acampamento tem um contexto histórico referente às lutas pela terra e principalmente pela reforma agrária, já participou de muitos movimentos sociais e manifestações como fechamento de vias intermunicipais como forma de chamar atenção das autoridades, sociedade principalmente do governo para obter melhores condições de vida.

Segundo Lima et al. (2008) no que se refere aos conflitos sociais:

O campo brasileiro continua caracterizado pelos conflitos, cuja tipologia pode definir como diversa, porém essencial e radicalmente fruto da atual inexistência de uma política pública efetiva de Reforma Agrária. Esse fato constitui hoje o contraponto da Questão Agrária brasileira.

As lutas pela terra na área em estudo foram iniciadas com aproximadamente 200 famílias que migravam em busca de uma vida melhor, um pedaço de terra para que pudessem assim trabalhar e cultivar aquele solo, fazer o plantio de seus alimentos para que assim pudessem suprir com as necessidades de suas famílias e viver honestamente no local, a conquista pela terra não foi fácil, eles enfrentaram

muitas dificuldades para conseguir implantar o acampamento no local como relata a seguir o Sr. J.M.S., 53 anos, agricultor, assentado no Nova Vida I que há oito anos vive no local e batalha na luta pela terra:

“O acampamento possui um registro do INCRA, muitos enfraqueceram e foro desistino na primeira luta pela conquista da terra, mais após 72 horas nos retornamos ao local e fizemos um protesto às margens da BR, por que as margens da BR?, por se tratar de um local de fácil visualização e acesso e todo mundo tava veno agente, nos buscamos todas as maneiras pra que eles pudessem nos ajuda, mas por parte dos políticos só encontramos resistência, é como se nós batêssemos em uma porta e a porta estivesse sempre trancada e após aquilo ali existia como se fosse uma espécie de raiva, se alguém estivesse falando lá dentro quem tava fora não tava ouvindo, então essa é a maneira de nos tratar por parte dos políticos, então quando agente viu que não teve mais êxodo agente fomos até a assembleia em João Pessoa e ali nos ocupamos pela primeira vez na história da Paraíba, nos fomos lá, marcamos uma audiência e quando nos chegamos lá nenhum dos deputado tava ali pra nos receber com exceção de Frei Anastácio, mas isso foi somente promessa e agente trabalhando, ocupamos também e fizemos audiência pública saímos em marcha desde daqui do canteiro de obras até o centro de Sousa, andamos as principais ruas e estava pronto o recurso pra poder começar a obra do assentamento, isso nos estamos esperando que ele tome a iniciativa e possa melhorar a vida dessas pessoas que se encontram hoje debaixo de barracas, nos estamos ainda convictos que isso possa acontecer”

Conforme solicitação da liderança do assentamento, não se colocou o nome dos entrevistados, para evitar qualquer tipo de identificação e/ou perseguição aos membros do assentamento.

Esse relato mostra a dificuldade vista de uma maneira real obtida nas palavras de um líder daquele acampamento. As condições de alimentação no acampamento também são muito precárias, as famílias necessitam de uma ajuda vinda do governo para garantir sua sobrevivência porque o que produzem no acampamento é muito pouco e não dá pra todos, por isso as políticas públicas se tornam uma ajuda é indispensável para as famílias do local.

### **3.1 Abastecimento de água no assentamento Nova Vida I**

O abastecimento de água no acampamento acontece de maneira muito precária, pois, as famílias dependem de um carro pipa de 15 em 15 dias para poderem utilizar essa água para preparar seus alimentos e beber. Existe no local um poço artesiano onde eles retiram água para utiliza-la em outros fins porque não

podem depender apenas da água do carro pipa pois a mesma é pouca. O transporte do poço é feito por animais, ou seja, jumentos que puxam carroças e levam a água até as barracas do acampamento localizados a cerca de 400m das caixas de abastecimento, é preciso um controle de qualidade por famílias para que seja justo e ninguém possa tirar água das outras famílias que ali residem. Os recursos hídricos dependem de um controle social organizado pela própria comunidade que buscam uma manifestação do poder econômico que possa beneficiar a mesma.

Viana e Torres (2010) mencionam que em uma análise dos conflitos se faz necessário compreender como as dinâmicas das resistências locais às mudanças se estabelecem e se manifesta através da luta de classe pelo direito de acesso à água, como uma face da luta pela democracia, assim como, compreender as relações sociais criadas e “aparentemente resolvidas” com a privatização da água. Deve-se também verificar o processo histórico, já que se trata da continua necessidade real ou artificializada do homem ao utilizar a água e obter poder sobre um território. Esse poder, seja simbólico (proclamado pela cultura) ou econômico, é eminentemente geográfico, já que atinge territórios locais com abundância ou escassez hídrica.

Os conflitos pela água acontecem de uma maneira que a necessidade desse bem se torna mais indispensável ao longo do tempo, a luta pela água se torna um dos principais conflitos existentes hoje no mundo, a água deveria beneficiar a todos, o problema é que ela é mal distribuída e acaba trazendo um mau favorecimento para os pobres, os senhores de terras que tem grandes açudes não querem dividir sua água por estarem dentro de suas propriedades privadas e assim se torna cada vez mais difícil a possibilidade de obter água para os trabalhadores do campo. Segundo dados de catalogação da CPT (2009), as águas brasileiras constitucionalmente continuam como um bem da União, embora conforme a lei 9433/97 elas sejam um bem público. Para muitos juristas a lei começa com uma inconstitucionalidade. Mas ela permanece válida mesmo sofrendo esse paradoxo jurídico. Vale observar que não houve a privatização do bem em si, mas de seu uso (figura 04).





**Figura 04** - Abastecimento de água no acampamento Nova Vida I, Sousa (PB)

**Fonte:** Rafael Dias Barbosa, 2011.

Nos poços existentes no acampamento todas as famílias utilizam a água para suprir as necessidades, a qual precisa ser controlada o seu consumo para que possa atender a necessidade dos acampados em um determinado período de tempo. Por se tratar de uma água salobra não é possível beber e nem mesmo as crianças podem utilizar dessa água para o banho por que apresentam alergias então só os adultos tomam banho com ela.

Há uma luta pelas melhorias no abastecimento de água, procura-se um projeto de irrigação, o INCRA alega que não tem condições para implantar esse projeto de irrigação e dar o pontapé inicial nas obras e algumas coisas pequenas para poder amenizar esse problema, o poder público hoje se tornou um fracasso porque infelizmente estamos enfrentando um descaso muito grande pela falta de água, cada dia é uma resistência por parte dos moradores do próprio assentamento, cada um quer derrubar o outro para poder crescer para tomar um caminho ou um rumo diferente, mas as famílias lá existentes acreditam que isso vai mudar, vai haver uma mudança em breve onde os mesmos possam sair dessa situação precária.

### **3. 2 Educação no Assentamento Nova Vida I**

A educação no assentamento NOVA VIDA I não oferece os recursos para uma boa qualidade de ensino para as pessoas que ali vivem, a situação da sala de aula precisa melhorar bastante, pois o local não tem nenhuma ventilação e isso dificulta a aprendizagem dos educandos que dependem daquele local para assistir suas aulas, os educadores infelizmente não são bem capacitados para ministrar as aulas, mas mesmo com todas as dificuldades existentes no local as famílias agradecem as aulas que recebem porque contribui bastante para essas pessoas que não tem oportunidade de se deslocar até a cidade para estudar e como os professores também residem no assentamento fica mais fácil dar aula para os seus alunos. A espacialização da Educação do Campo acontece também pela ampliação das parcerias e pelo fato dos movimentos estarem colocando este paradigma na agenda dos estados e dos municípios através dos seminários, publicações de educação no campo, (MOLINA, 2003).

O material escolar utilizado é fornecido pelo governo, mas não atende as necessidades dos alunos que estudam no assentamento. Muitas vezes os professores do assentamento mesmo sem nenhuma formação acadêmica buscam ministrar suas aulas de uma maneira diferente como fora da sala de aula mostrando a vegetação existente no local para as crianças do assentamento, também chama à atenção as condições das cadeiras que são utilizadas por eles, as mesmas encontram-se em situação precária e não oferecem conforto para os estudantes. (Figura 05).



**Figura 05** - Sala de aula no acampamento Nova Vida I Sousa (PB)  
**Fonte:** Rafael Dias Barbosa, 2011.

A educação no campo passa por um processo de mudança, a perspectiva de um mundo melhor que todos nós queremos surge principalmente do avanço e do ritmo em que anda nossa educação. A seguir a Sra. M.G. 45 anos, moradora do assentamento relata um pouco de como é a educação no Assentamento:

“O ensino no assentamento para os jovens estudarem é difícil porque uma parte precisa se deslocar ao município de Sousa e outra para Aparecida, a prefeitura de Sousa disponibiliza um ônibus para levar os estudantes até a escola e trazê-los de volta para o assentamento, existe também um ônibus que leva os estudantes para a escola em Patos e em Sousa no horário da manhã e da tarde, as crianças estudam pertinho do assentamento, mas também necessitam de um transporte para as levarem até a escolinha.”

O que é mais difícil no assentamento é o preconceito, mas foi logo no início da luta, pois a comunidade sempre foi muito incentivada para não desistir. Nós temos lá a respeito da escolaridade filho de assentado que é formado pela escola agro técnica e também filho de assentado que se encontra em faculdade e apesar de tudo eles têm encontrado grandes parceiros que possam ajudar sempre os seus jovens.

Segundo a pesquisa elaborada no local a organização da educação no campo caracteriza a organização geográfica e política, a educação passa a lidar mais com a realidade do campo e com isso enfoca as dificuldades existentes no

local entendidas a partir do momento em que você vivencia na pele a situação dos moradores do campo.

Eles acham que tem uma responsabilidade muito grande em mãos, a educação no campo não pode ser limitada de maneira alguma quando se diz respeito à qualidade do ensino e ao conhecimento elaborado para ser usado nas escolas do campo. Na verdade se constrói um pensamento de que as pessoas que vivem no campo também são capazes de aprender e não merecer receber uma metodologia alienada, a educação forma cidadãos em meio a toda sociedade seja ela do campo ou da cidade. Esse modelo espacial demarcado como um novo território de experiências camponesas, a partir da reforma agrária, estabelecida pelas diretrizes do estado brasileiro, através do INCRA, revela muitas contradições internas e os limites de uma reforma agrária que não se dá em sua plenitude. Assim o que temos é um processo de reforma agrária inacabada e com muitas lacunas para os trabalhadores.

#### **4. CONSIDERAÇÕES GERAIS**

O trabalho de campo destaca-se sob tais aspectos: a realidade da vida no campo, o trabalho envolvido com a terra, as lutas e conquistas em busca de uma colocação digna em meio a nossa sociedade, uma visão diferente é nos imposta com relação à vida nos acampamentos e assentamentos formando assim uma contradição do sistema do mundo globalizado que criticam essas pessoas pelo rádio, televisão e jornais. A busca de um espaço em meio a nossa sociedade para transformá-lo em território espacial organizado é uma luta que os trabalhadores do campo necessitam para a vida de suas famílias.

Sua contribuição para a nossa sociedade é indispensável mesmo com um histórico de vida marcada com grandes conflitos, mas a luta dessas famílias é um exemplo de força de vontade e conquista para todos nós.

A busca de um espaço em meio a nossa sociedade para transformá-lo em território espacial organizado é uma luta que os trabalhadores do campo necessitam para a vida de suas famílias.

A pesquisa realizada no local foi de suma importância, pois através da mesma foi possível conhecer uma realidade de como é a vida no campo, quais são as principais dificuldades encontradas pelos moradores que vivem no local e as condições de moradia lá existentes.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. Reforma agrária e problemas camponeses na América Latina. In: **O desafio ecológico: Utopia e realidade**. São Paulo: Hucitec, 1994.

-----, M.C. de. **A terra e o homem no nordeste: contribuição do estudo na questão agrária no nordeste**. 6ª Ed. – Recife: Editora universitária da UFPE, 1998.

BAMAT, Thomas e IENO, Genaro (org). **Qualidade de vida e reforma agrária na Paraíba**. João Pessoa: UNITRABALHO/UFPB, 1998.

AUGUSTO, Danilo. **Assentamento, espaço de organização, 2008**.

CPT. **Sintonia entre capital e Estado mantém a violência no campo**. In: Jornal da CPT. Outubro/dezembro de 2009. p. 11.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **O MST e as reformas agrárias do Brasil**. In: Revista NERA Año IX Nº 24 - Octubre de 2008. PP. 73-85.

-----, Bernardo Mançano e MOLINA, Mônica Castagna. *O Campo da Educação do Campo*. In MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, Sonia Meire S. A. de. (org.) **Por uma educação do Campo. Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional do Campo. Coleção Por uma educação do Campo No. 5. 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EDUFF. São Paulo: Contexto, 2002.

LIMA, Eduardo Carlos de, AMORIM, Caio Augusto Maciel, THOMAZ JR, Antonio. **Movimentos sociais de luta pela terra e pela Reforma Agrária na Paraíba: concepções teóricas a partir do trabalho de campo**. Diez años de cambios em el mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Colóquio Internacional de Geocritica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008.

MARIANO NETO, Belarmino. **A produção do espaço agrário paraibano enquanto instância social**. João Pessoa: UFPB/PPGS. 2002, <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/05-belarmino.html>> acesso : 13 de agosto de 2008.

-----, Belarmino, et al. **Território(s) de Esperança: da luta pela terra à vida na terra no Agreste da Paraíba** (Relatório PIBIC/CNPq). Guarabira: UEPB/CH, 2010.

MARTINEZ, Paulo. **Reforma Agrária: questão de terra ou de gente?** São Paulo: Moderna, 1987.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência**. São Paulo: Hucitec, 3a. ed. 1991.

MITIDIERO JR, M. A. **A AÇÃO TERRITORIAL DE UMA IGREJA RADICAL: TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, luta pela terra e ação da Comissão Pastoral da Terra no Estado a Paraíba**. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2008. 501p.

MOLINA, Mônica Castagna. **A Contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, 2003. (Tese) Doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

MOREIRA, Emilia e TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

-----, Emilia. **Por um Pedaco de Chão**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

-----, Emilia; TARGINO, Ivan e MENEZES, Marilda. *Impactos regionais da reforma agrária na Zona Canavieira do Nordeste*. João Pessoa: **Relatório final regional da pesquisa “Impactos Regionais da Reforma Agrária: um estudo a partir de áreas selecionadas”**. CPDA/UFRRJ/Nuap-PPGAS/MN/UFRJ/NEAD/IICA-Redes. 2001.

-----, Emilia; TARGINO, Ivan; MENEZES, Marilda A. de. Espaço agrário movimentos sociais e ação fundiária na Zona Canavieira do Nordeste. Recife: *Revista de Estudos Sociais* (Fundaj), v. 19, n. 2, 2003.

NOGUEIRA, Alexandre Peixoto Faria. **O Modelo de Desenvolvimento do Campo e suas Conflitualidades**. ANAIS XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção Capitalista e Agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

-----, A. U. **Geografia das lutas no campo: conflitos e violência, movimentos sociais e resistência, a nova república e a reforma agrária.** São Paulo: Contexto, 1990.

-----, Ariovaldo Umbelino de. *A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro.* In. CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2002.

PRADO JR., Caio. **Evolução política do Brasil.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SAMPAIO, Plínio de Arruda (1993 – out) et.alli “Proposta do Plano Nacional da Reforma Agrária ” – Brasília – out. de 2003 (não publicado)

STEDILE, João Pedro. O modelo agrícola neoliberal do Brasil. In: **INTERPA (org.) Boletim da Educação: Básica de Nível Médio nas áreas de reforma agrária.** Ed. Especial. MST. Nº 11. Setembro de 2006.

STRAZZACAPPA, Cristina. **A luta pelas Terras no Brasil: das sesmarias ao MST.** São Paulo: Moderna, 2006.

Sítios consultados:

<http://www.incra.gov.br/portal> Acesso em Acesso em, 06/ 12 /2013.

<http://www.mst.org.br/> Acesso em 20/04/2011

<http://www.cptnacional.org.br/> Acesso em, 27/05/2011.